

leitor mais velho desta cidade, senhor esquisito de cerca de trinta mil livros, portador da Cruz do Mérito e de toda sorte de outras condecorações, todas elas pendendo de fitas coloridas no aquecedor e produzindo um choramingante tilintar quando, com a janela aberta, saio pela porta.

Desliguei-me das associações de escritores, não frequento mais academias, e o Rotary Club designa-me apenas como um sócio inativo. Não participo mais de debates, porque a questão do poder e da verdade no contexto atual é-me indiferente. O cinema não me atrai e o teatro já não me afeta mais. À ópera renunciei há muito tempo. Também as recepções têm de se virar sem a minha presença, desde que, certa vez, bêbado, comparei as autoridades municipais e seus sequazes a uma tribo de índios: em geral seus rostos são medonhos, sua expressão amiúde estúpida, com a testa baixa, recuada, e o princípio do nariz bastante retraído. A característica mais saliente, porém, é a boca em forma de focinho, marcada por profundas dobras na pele, estendendo-se desde as asas do nariz até os cantos da boca. O prefeito estava entre os ouvintes da rodinha a gargalhar. Não fosse pelo correio, eu estaria ligado ao mundo apenas pela televisão. Vejo bastante televisão, em geral sem som, para não

ser perturbado por vozes inoportunas enquanto contemplo as imagens. As imagens foram inventadas porque, supostamente, os homens não são capazes de reter o que apenas ouvem. Não havendo já há tempos algo que seja digno de se ouvir, as imagens nos sufocam, uma tempestade estrondosa e sombria, cuja substância dissipou-se faz tempo. Até a primavera, minha irmã mais nova vez por outra visitava-me com seu marido, dez anos mais jovem que ela; morreram os dois num acidente de trânsito pouco antes da Páscoa. Não fui ao enterro e renunciei à herança, pois nada possuíam que, na minha idade, pudesse ser ainda de alguma utilidade. Ela era professora efetiva, ele, diretor de uma escola, pedagogos convictos — o que sempre me irritou —, tristes com a aposentadoria. Duas vezes por semana vem uma faxineira, uma alemã dos Sudetos, com as costumeiras e tacanhas idéias de extrema-direita, mas, em compensação, com sólidos conhecimentos culinários, que cuida da casa para mim e nutre secretamente a esperança de ser a primeira a me encontrar morto, para ter acesso despercebido aos poucos objetos de valor na casa. Após a morte de minha irmã, ela, com insistência, perguntou-me várias vezes se eu realmente não tinha mais parentes e o que aconteceria com minhas posses quando eu morresse. Por toda a